

UMA EXPOSIÇÃO CONCEITUAL DA METAFÍSICA IMPLÍCITA NA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA DE TAYLOR

DIEGO VIANNA DOS SANTOS; PAULO GILBERTO GUBERT

Universidade Católica de Pelotas – dvs.ucpel@gmail.com
Universidade Católica de Pelotas – paulo.gubert@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A metafísica é a base de sustentação para toda e qualquer ciência. Isso se evidencia quando nos tornamos capazes de compreender que a simples exposição de um texto, enquanto exposição de, por exemplo, um texto científico, só nos diz algo ou só é possível de atribuição de valor enquanto exposição de um ser racional, capaz de concatenar e atribuir sentido às palavras que, isoladas, dizem nada: ou dizem de modo contingente. Quando se pensa na mera possibilidade de uma teoria científica, necessariamente, há de se resgatar uma fundamentação. Ora, essa fundamentação é de ordem metafísica; está para além do plano empírico.

Quando falamos de metafísica não estamos nos referindo aos devaneios não materializáveis da razão especulativa – tão bem conhecidos pelo pesquisador da filosofia e pelos cientistas que dedicaram um tempo considerável de suas vidas à aquisição de conhecimento e ao estudo da história da filosofia –, pois estes já foram refutados por Kant em sua *Crítica da razão pura* (2015). Quando falamos de metafísica, ao contrário, trazemos ao mesmo tempo a ideia de condição do conhecimento – a estrutura e o plano que necessariamente deve existir para que o conhecimento seja possível –, contida no conceito de “*síntese a priori*” concebido por Kant, e a ideia de unidade total entre o mundo da natureza e o mundo lógico-matemático, contido no conceito de “*consciência-de-si*”, desenvolvido por Hegel em sua *Fenomenologia do Espírito* (2013). Assim, toda a exposição do presente trabalho só poderá ser entendida pelo leitor que puder – ao menos por ora – esvaziar-se daquilo que se acostumou a entender como metafísica, dando lugar à metafísica fundamentadora, cuja função se desdobra em duas: 1) trazer o *status* de necessidade à contingência externa e 2) explicar a consciência dialética que não pode e nem deve ser omitida do discurso científico.

Espera-se que para cada área do conhecimento humano exista pelo menos um discurso científico, quer dizer, exista pelo menos uma possibilidade de falar necessariamente. Evidentemente, essa possibilidade nunca poderá ser encontrada na natureza externa, fechada e restrita a si, e isso por um motivo muito simples: a ciência é sempre ciência para um outro; ou, por outras palavras, só adquire realidade na razão especulativa, isto é, no homem.

No entanto, no mero falar ou referir-se a “cada área do conhecimento humano”, em geral, já se pressupõe a necessidade de ordem metafísica ou suprafísica a qual falamos. E isso pelo motivo da palavra conhecimento se referir sempre ao conhecimento efetivo, real; como também se sabe, o conhecimento efetivo não é outra coisa que a unidade entre a contingência da natureza externa e a necessidade advinda da razão humana: é, portanto, experiência que os humanos fazem do mundo, um constante fazer-da-contingência-uma - necessidade ou, ainda, a excelsa faculdade humana de tornar o mundo imediato um mundo fundamentado.

O meio científico sabe que as diferentes figuras da experiência humana necessitam de um discurso científico. Porém, são vagarosos em reconhecer os elementos que fazem da ciência uma ciência. Cada área do saber, por sua própria natureza, carrega uma necessidade. E assim é, por exemplo, com a física, com a economia, com a sociologia ou com qualquer outra ciência particular, inclusive com a administração. Cada proposta ou tentativa de solução para os problemas dessas quatro áreas trazem consigo um recorte da realidade exterior

em unidade com os conceitos universais da razão humana; a dinâmica dessa unidade constitui-se em um movimento sem princípio, meio ou fim: se resume num fluir do cientista através de toda a contingência externa, equipado com os óculos da universalidade, mesmo que não perceba o poder de suas lentes. Pois a física, a economia, a sociologia e a administração são entendidas como áreas do conhecimento e de fato o são.

O presente trabalho tem como objetivo fazer a exposição de uma tentativa de um autor específico tornar uma certa área particular da experiência humana experiência sistematizada, necessária: ciência autêntica. A área particular que tomamos aqui como objeto de investigação e exposição é a *administração de empresas*, que, aliás, surge como uma proposta de solução para os problemas que o *empirismo organizacional*, por si só, não conseguiu resolver em seu tempo.

Taylor (2013), como um observador eficaz, compreendeu que a melhor maneira para aumentar a produtividade das empresas era aumentar a produtividade das partes de uma empresa, sendo a parte mais substancial duma empresa aquela que corresponde aos empregados do baixo escalão, e jamais a do homem ideal, perfeito: do melhor líder, como o entendimento comum da época acreditava ser o certo. E o melhor modo de aumentar a eficiência dos trabalhadores era dando-lhes liberalmente o produto de seu trabalho, recompensando-os de verdade, fazendo-os sentir que são valorizados segundo o seu desempenho; pois, somente assim, um empregado poderia se sentir motivado a entregar os seus melhores talentos e esforços em prol do objetivo maior de sua organização.

Um dos objetivos de Taylor era demonstrar que a ciência que propunha não era somente objeto de estudo e aplicação para o chão das fábricas, das empresas, mas que era, de fato, universal: que se aplicasse aos mais diferentes ambientes, como, por exemplo, a uma família, a um clube, à igreja ou qualquer outro tipo de organização humana. Ora, tal universalidade só é possível quando pensada na figura de sistema, com metafísica, com o auxílio de pressupostos absolutos. A metafísica que mencionamos no presente trabalho não é exposta de modo claro em *The principles of scientific management* (2013), quer dizer, na obra que tomamos como objeto de investigação e decomposição filosófica. Nosso objetivo, pois, é desmembrar os elementos fundamentais do pensamento de Taylor e expor a metafísica implícita na sua proposta de Administração Científica de uma maneira comprehensível ao leitor, fazendo a devida analogia com o desenvolvimento da metafísica ao longo da história da filosofia.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir da análise dos textos originais de Frederick W. Taylor, mais especificamente sua obra intitulada *The principles of scientific management*, e da pesquisa dos modelos de organização concebidos ao longo da história da filosofia, desde a Antiguidade até a modernidade, a fim de, estabelecendo um diálogo entre a ciência empresarial e a filosofia milenar, se pudesse encontrar um fundamento para a primeira e um sentido para a última.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento se conseguiu apresentar a noção de sistema para Taylor e o sentido de ciência que o autor adotou para redigir sua obra. Se pôde demonstrar, ao mesmo tempo, as raízes de sua noção de sistema, as quais, por sua vez, não foram bem apresentadas em *The principles of scientific management*. Um dos resultados mais importantes que a presente pesquisa conseguiu atingir foi o de que a Administração Científica pressuõe uma metafísica, um pano de fundo que só pode ser suprido com o auxílio da filosofia. Outro resultado fundamental foi o de que, ao se falar de ciência, de um modo geral, automaticamente, dois elementos se apresentam: conceito e matéria ou especulação e experiência. O

trabalho se encontra na sua fase final, qual seja, fechar a exposição dos fundamentos que incentivaram Taylor a converter o empirismo organizacional em ciência de fato.

4. CONCLUSÕES

A inovação obtida neste trabalho foi a de demonstrar, através da pesquisa comparada entre duas áreas da experiência humana – filosofia e administração de empresas – que a ciência só pode ser entendida como ciência de fato quando considerada na figura de sistema, fundamentada por uma metafísica, a qual concede o caráter de necessidade e rigor que falta para a experiência isolada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Manual de reengenharia: um guia para reinventar e humanizar a sua empresa com a ajuda das pessoas**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- MARSHALL, Alfred. **Principles of economics**. La Vergne: Lightning Source, 2009.
- MENGER, Carl. **Principles of economics**. Auburn, 2007.
- ROCHA, Duílio. **Fundamentos técnicos da produção**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- TAYLOR, Frederick Winslow. **The principles of scientific management**. USA: CreateSpace, 2013.
- NONAKA, Ikujiro. **Criação de conhecimento na empresa**. Trad. Ana Beatriz Rodrigues, Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- RICARTE, José M. **Creatividad y comunicación persuasiva**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona Servei de Publicacions, 1998.
- MARX, Karl. **O capital**. Trad. Ronaldo Alves Schmidt. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NEWTON, Isaac. **Princípios matemáticos da filosofia natural.** Trad. Carlos de Mattos. São Paulo: Nova Cultural, 1996. [Os Pensadores]

SMITH, A. **A riqueza das nações.** Trad. Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.